

Nean Oju Obá: enfrentamentos e aquilombamento de estudantes negras e negros da Universidade Federal da Paraíba

ROSIANE TRABUCO DE OLIVEIRA 

Universidade Federal da Paraíba | João Pessoa, PB, Brasil
rosi.trabuco@gmail.com

JOÃO VÍTOR VELAME 

Universidade Federal da Paraíba | João Pessoa, PB, Brasil
joaovictorvelame@gmail.com

WEVERSON BEZERRA SILVA 

Universidade Federal da Paraíba | João Pessoa, PB, Brasil
weversonsilbez@gmail.com

ULIANA GOMES DA SILVA 

Universidade Federal da Paraíba | João Pessoa, PB, Brasil
uliana.gomes@hotmail.com

ANA MARGARIDA ANDRADE SANTOS 

Universidade Federal da Paraíba | João Pessoa, PB, Brasil
ana.margarida@academico.ufpb.br

MARINA PRADO SANTIAGO 

Universidade Federal da Paraíba | João Pessoa, PB, Brasil
slowhostel18@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe203132

resumo Este artigo apresenta as articulações de estudantes e egressos negros(as) dos cursos de Antropologia e Ciências Sociais, assim como da pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba e discute as relações étnico-raciais, racismo, identidade e seus efeitos sobre a dinâmica do campo científico da antropologia. O debate parte da atuação do coletivo Nean Oju Obá para garantir o ingresso de candidatas negras na Pós-Graduação em Antropologia por meio do Curso Negritudes na Pós. Em suma, o Coletivo forma um espaço de resistência e aquilombamento, na defesa de direitos e combate aos

Nean Oju Obá: struggles and quilombo-making of black students at the Universidade Federal da Paraíba

abstract This article presents the articulations of black students and graduates of the courses of Anthropology and Social Sciences, as well as the post-graduate program in Anthropology at the Federal University of Paraíba and discusses ethnic-racial relations, racism, identity and its effects on the dynamics of the scientific field of anthropology. The debate is based on the work of the Nean Oju Obá collective to guarantee the admission of black candidates to the post-graduate program in Anthropology through the course Negritudes na Pós.



e203132

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe203132>

racismos, sobretudo, o racismo institucional.

palavras-chave Ações Afirmativas; Acesso ao ensino superior; Cotas raciais; Coletivos estudantis.

In short, the Collective forms a space of resistance and quilombo-making, in the defense of rights and the fight against racism, especially institutional racism.

keywords Affirmative actions; Higher Education policies; Racial quotas; Students Collectives.

Introdução

O Nean Oju Obá é um coletivo de estudantes e egressos negras, negros e negres que têm vínculo com os cursos de graduação ou pós-graduação na área de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e foi criado no ano de 2020, em meio à crise sanitária do novo coronavírus SARS-Cov-2, Covid-19. A origem do coletivo está relacionada às experiências vividas desses corpos negros no ambiente acadêmico e os atravessamentos e incômodos de uma estrutura racista e desigual. Nossos corpos já imprimiam reações referente a invisibilidade, apagamento social-histórico, epistemológico, indignações. Devido a essas experiências no decorrer do estar estudante, sobretudo na UFPB, culminaram manifestações, posicionamentos de diferentes proporções referente a tais invisibilidades negras nos cursos – de Bacharelado em Antropologia, Ciências Sociais e na Pós-Graduação em Antropologia, de diferentes ordens ao longo do nosso percurso acadêmico.¹

Essas reações dialogavam de alguma maneira com o corpo docente, relações intrapessoais, currículo etc. Também ecoavam nas experiências de (interdição ao) acessos, benefícios para estudantes negres e, sobretudo, o entendimento de nós em relação a esses benefícios. O nosso encontro se deu primeiro, a partir de nossas experiências pessoais, geográficas e familiares, tendo em vista que nem todos somos naturais das terras paraibanas. Ou seja, cada uma, um que colaborou com o surgimento do coletivo colaborou do seu âmago experiências de ser negro no Brasil.

Desse modo, vale ressaltar que a culminância do nosso encontro, acreditamos, que sem querer já se iniciava um ano antes da criação propriamente dita do Coletivo. Em 2019 na VI REA - Reunião Equatorial de Antropologia ocorrida na Universidade Federal da Bahia (UFBA). esse momento talvez ainda não tenha sido refletido devidamente por todos nós, mas muitas/es integrantes, hoje, do grupo haviam partido juntas da capital paraibana, rumo ao evento para a universidade baiana. Com diferentes sentimentos, vontades e desejos. Mas nunca tinha imaginado a deflagração de uma pandemia no ano seguinte.

Uma das máximas que usávamos e seguimos usando desde então era de “escurecer a antropologia”. A intenção então era criar um espaço para apresentar, publicizar as pesquisas,

¹ No contexto da UFPB, há oferta de formação em Antropologia principalmente na graduação em Ciências Sociais, fundada em 1973 e que tem como lotação o campus I da universidade, na capital do estado, João Pessoa. No campus de Rio Tinto, localizado a cerca de 50km da capital, há também o curso de bacharelado em Antropologia, criado em 2007 como parte do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Aliado a isso, em 2010 foi criado o Programa de Pós-Graduação em Antropologia, que hoje abriga os cursos de mestrado e doutorado. Esse cenário compõe ainda parte do cenário institucional da Antropologia na Paraíba, que não será abordado no trabalho.

trabalhos de conclusão de curso e/ou ratificar o avanço acadêmico, como também registrar a presença e produção de pessoas negras antropólogas no cenário antropológico. Ainda que não seja um lema coletivo, ele segue na nossa forma de organizar as iniciativas desenvolvidas e faz parte das ações que adotamos do surgimento para cá, também na pandemia e que serão melhor apresentadas adiante.

Uma outra experiência que fortaleceu as pessoas que compõem o coletivo foi o enfrentamento coletivo de participantes negres na 31ª edição da Reunião Brasileira de Antropologia, e seus desdobramentos. Foi desse momento que surgiu o Fórum de Antropólogas/os Negres e o Comitê de Antropólogas/os Negras/os da Associação Brasileira de Antropologia, como se vê em nota emitida pela própria ABA, referente ao ocorrido em 2018.

Ressaltamos que a amálgama do nosso coletivo se deu a partir de provocações da professora Patrícia Pinheiro, na época professora no Departamento de Ciências Sociais em Rio Tinto, e pesquisadora de pós-doutorado no PPGA da UFPB, para o curso de Bacharelado em Antropologia. Foi ela a responsável por nos apresentar e nos juntar.

Enquanto uma articulação de estudantes negros(as), que se propõem a enfrentar os racismos, sobretudo, na Universidade, o coletivo foi nomeado de Nean Oju Obá (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Antropologia). Oju Obá é de origem iorubá, significa “olhos do rei” ou “olhos de Xangô”. Xangô é considerado o orixá da justiça, mestre da sabedoria. O nome reflete nossa ancestralidade, sabemos de onde viemos pois, “nossos passos vêm de longe”. Desse modo, um dos nossos objetivos é a justiça social e garantia de direitos a partir da educação pública de qualidade em consonância com os saberes negros, indígenas, periféricos, LGBTQIA+. Assim poderemos garantir a transformação social e dirimir as desigualdades.

O Nean Oju Obá, se propõe discutir as relações étnico-raciais em diáspora e em África, racismos, identidade e, sobretudo, os processos epistemológicos da antropologia, que em seu percurso produziu uma espécie de apartheid intelectual deixando à margem antropólogas/os negras/os que muito contribuíram com a produção científica da antropologia. Nossas pesquisas científicas são atravessadas por nossa subjetividade, emoção e experiências, afinal não há como desvencilhar e separar o que seja objetivo/subjetivo, razão/emoção e conhecimento/experiência. Essas são algumas das muitas categorias semânticas criadas para marcar uma violenta hierarquização, por parte dos grupos hegemônicos, dos saberes que podem ser considerados legítimos, ou nomeados ciência, como já argumentou Grada Kilomba (2019) entre outras.

Dito isto, umas das primeiras ações do Coletivo foi criar o *Curso Preparatório Negritudes na Pós*, destinado a estudantes negras e negros que desejam ingressar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB. Atualmente em sua terceira edição, o Curso conta com apoio de colaboradores(as) voluntárias(os) para discussão dos referenciais teóricos, oficinas específicas sobre produção de ensaio teórico que integra o processo seletivo, além do orientações para produção e organização do currículo Lattes. Logo, a construção desses espaços afirma “você não está sozinho”, pois mesmo diante de um sistema que nega a produção do conhecimento negro, nosso povo nunca deixou de fazê-lo, o que ocorre nessa assimetria no poder é reflexo da assimetria no acesso a ferramentas e recursos

que implementem nossas vozes (Collins, 2000), dificultando articulações das nossas perspectivas fora dos nossos grupos – herança do colonialismo imposto sobre os saberes e corpos. Feito esse breve recorte de influências e referentes que organizam e dão sentido à atuação do Coletivo, nas seções a seguir apresentaremos a linguagem e as ações desenvolvidas pelo Coletivo, bem como o cenário institucional em que elas se inserem.

Entre o poético e o político: a identidade visual do Nean Oju Obá

A arte e a antropologia têm um potencial imenso para se pensar em nossos caminhos trilhados ao longo destes anos do coletivo. Há muito a se refletir através das contribuições de imagens, pinturas, ilustrações, música, dança, performance etc. para a construção deste nosso sonho de um espaço acadêmico democrático. Assim, nestes últimos anos estivemos trabalhando cada vez mais para trazer expressões artísticas para dentro do coletivo, dando espaço e visibilidade a uma pluralidade de linguagens poéticas.

Inspirados nesta interdisciplinaridade, procuramos dialogar com as artes de vozes negras para criarmos esse sonho do coletivo. Assim foram criadas duas artes que representassem visualmente o nosso grupo. As imagens aqui apresentadas foram criadas por João Vitor Velame, em conjunto com todos os outros membros do grupo. Algumas inspirações artísticas foram os trabalhos de Maxwell Alexandre; Njideka Akunyili Crosby; Jean-Michel Basquiat; Maria Auxiliadora; Arthur Timótheo da Costa e Wilson Tibério. Artistas negros(as) que trazem em suas obras uma sensibilidade poética e de resistência, fazendo cada vez mais refletir sobre as questões que trazemos para dentro do nosso espaço.

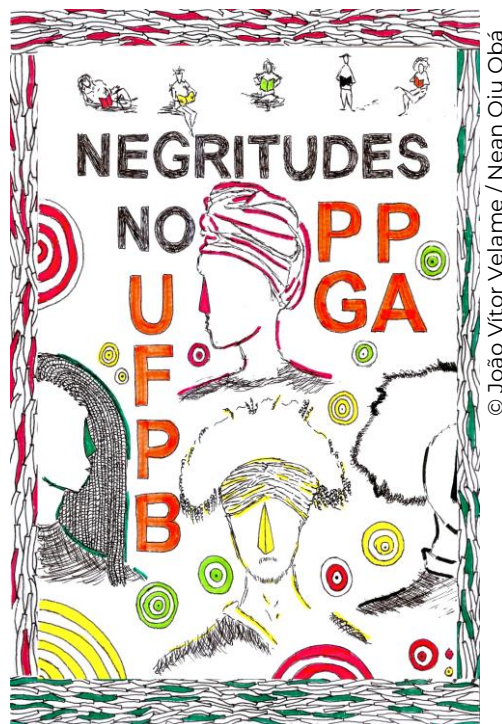


Figura 1: Negritudes no PPGA UFPB. Grafite 4B, nanquim e caneta hidrográfica. Folha 21cm X 29.7cm, 180 g/m². Edição GIMP 2.0. 21 de dezembro de 2020. Ilustrador: João Vitor Velame.

A primeira imagem foi criada no dia 21 de dezembro de 2021 na cidade de Rio Tinto (PB) e foi inspirada em formas geométricas presentes na estética de estampas africanas e nos debates sobre autorreconhecimento e estética do cabelo. Criamos quatro personagens para representar a pluralidade de vozes do nosso coletivo. Na parte de cima é possível perceber cinco figuras lendo livros que representam o curso preparatório. As cores utilizadas foram o preto, vermelho, verde e amarelo. E trouxemos também a cor laranja inspirada nas cores da logo do PPGA.

Criamos uma arte com uma variedade de elementos que pudessem ser utilizadas na construção da identidade visual da nossa página no Instagram, e a partir dela foram derivados diversos cards e postagens utilizando estes elementos durante a primeira edição do curso preparatório. Para além do cursinho criamos outras artes para lembrarmos de importantes datas de nossa luta coletiva, como por exemplo, os dias 13 de maio, 28 de junho e 25 de julho, apenas para citarmos algumas.

Outra forma de explorar a criatividade foi a série de cards com indicações de leituras, partindo de colagens, experimentações visuais e outras linguagens poéticas que circularam durante o *Novembro Negro*. Para esta ação foram criados 5 cards que compõem a série chamada "Nean indica", alguns dos autores indicados foram: Conceição Evaristo; Zora Neale Hurston; Zózimo Bulbul; e Maya Angelou. Estes autores têm uma grande importância em nossas formações individuais e coletivas. Isso porque, consoando com bell hooks (2017):

[...] somo minha voz ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino. Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento que transforma a educação na prática da liberdade. (hooks, 2017: 24)

São essas inspirações de experiências compartilhadas, a partir das quais linhas são traçadas e constantemente refletidas entre o nosso coletivo. Isto é feito com a finalidade de traçar novos caminhos em mundos possíveis em tempos sombrios de nossa conjuntura política atual. Tecer novos caminhos é algo realizado a partir de nossas criações artísticas, indo de encontro com esta prática da criação em que criamos nossa identidade visual, a partir de uma "prática da liberdade" (hooks, 2017).

Com o avanço, crescimento e demandas internas do nosso grupo, começamos a pensar na elaboração de uma arte e um nome para o coletivo, que tivesse uma identidade que nos representasse. Assim, no ano seguinte entre uma série de reuniões pensamos coletivamente nos elementos que nos representassem, aparecendo principalmente os elementos de Xangô. Foi por meio de uma série de imagens reunidas pelo coletivo que começamos a elaborar a nossa logo atual, inspirados nos elementos da água, fogo, raios e do machado. Bem, como toda imaginação criadora, talvez seja preciso aqui imaginar esses elementos simbólicos para conseguir enxergá-los.

Na imagem a seguir (Figura 2) apresentamos os nossos desdobramentos artísticos com a logo oficial do Nean Oju Obá, a qual tem sido utilizada na divulgação das atividades e eventos, e também faz parte de nossa assinatura. A logo realça as cores marrom, vermelho e preto, trazendo alguns elementos da primeira arte criada para o coletivo, com o objetivo de que está escrita seja cada vez mais plural e mais próxima de nós, inscrevendo nossas histórias destes caminhos que trilhamos juntos e que possa sempre acolher novos integrantes e colaboradores para escreverem juntos novos mundos possíveis.

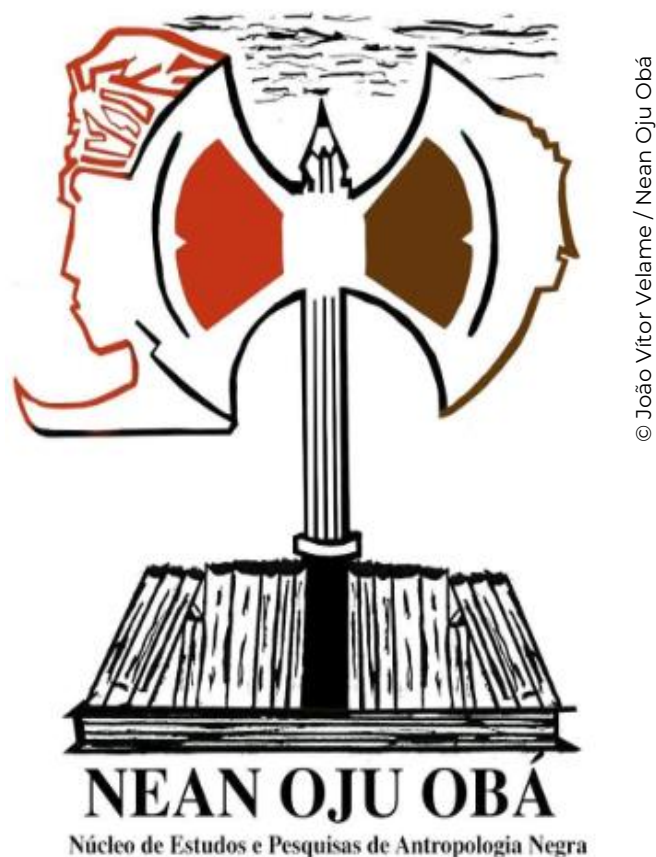


Figura 2. Núcleo de Estudos e Pesquisas de Antropologia Negra (NEAN OJU OBÁ). Grafite 4B, nanquim e caneta hidrográfica. Folha 21cm X 29.7cm, 180 g/m². Edição GIMP 2.0. 9 de julho de 2021. Ilustrador: João Vítor Velame.

Perspectivas e reflexões sobre a políticas de cotas

O Estado brasileiro tem uma dívida histórica com as pessoas negras, que é maioria na população que constitui o país, sendo esse também o contingente mais sujeitado à lógica racista por toda estrutura do Brasil, fazendo com que as pessoas negras não consigam acessar e usufruir de seus direitos. Mediante ao cenário brasileiro de desigualdade e de racismo é preciso manter-se atento, atuante, resistente e atuante para trilhar caminhos de enfrentamento da realidade posta.

A política de reserva de vagas com recorte social e étnico-racial para entrada em cursos superiores e de pós-graduação configura-se como uma política afirmativa necessária

e de extrema importância, pois é por meio desta ação que diversas pessoas negras têm conseguido acessar o ensino superior e de pós-graduação. As políticas afirmativas precisam ser efetivas de modo que atue sobre o acesso e permanência. Referente às cotas a filósofa Sueli Carneiro (2022) afirma que “[as] cotas se constituíram num dos principais e mais exitosos remédios para enfrentamento das desigualdades de raça, gênero e social”.

Cabe lembrar, que o acesso e permanência ao ensino superior não se trata de uma questão de inteligência ou meritocracia, pois os processos seletivos para ingresso em instituições educacionais são permeados pelas desigualdades estruturais que historicamente forjam a sociedade brasileira. Processos que valorizam o quantitativo de informações que o indivíduo adquiriu ao longo de sua formação educacional, conforme aponta Bourdieu (2015) às escolas funcionam como reprodutoras da dominação social, ou seja, espaços educacionais que legitimam a manutenção do poder da classe dominante.

O processo de luta e resistência construído pela população negra e ao longo da história tem construído formas de enfrentar o racismo, funcionando como educador da organização social assim como do Estado brasileiro, conforme nos diz Nilma Gomes (2017). A pensadora afirma que o Movimento Negro atua na construção de conhecimentos que mobiliza e reivindica políticas públicas como as ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação Gomes, Silva e Brito (2021).

As cotas na pós-graduação confirmam-se como uma ferramenta necessária e urgente, e tem permitido os/as estudantes instrumentos para entrar e permanecer nos espaços de ensino superior. Com a presença de pessoas negras nesses espaços movimenta-se a lógica de funcionamento dos mesmos, assim como a cultura que permeia as vidas negras precisa ser vista e respeitada nesses locais. Em uma entrevista concedida em 2015, Nilma Lino Gomes afirmou que:

Eu diria que as políticas de ações afirmativas são políticas que ajudam qualquer sociedade que as implementa a fazer uma série de correção de desigualdades históricas. No caso dos negros e do Brasil, eu penso que elas são importantes para que possam colocar a população negra num lugar de visibilidade social, de visibilidade política, embora, muitas vezes, essas políticas sejam vistas pelo lado negativo, e não pelo lado da cidadania, do direito. Elas são importantes para que o Estado saia de um lugar de uma neutralidade estatal e assuma políticas de correção de injustiças históricas, contribuindo para a construção da justiça social.

Eu acho, que a médio e longo prazo, o potencial que essas políticas têm é de fazer uma mudança no próprio perfil da sociedade, no perfil, no caso, que a população negra tem na sociedade brasileira para que nós possamos ter a oportunidade de ver pessoas negras nos mais diversos espaços sociais por um direito e por uma intervenção do Estado de incidir com políticas na realidade social para garantir esses direitos [...] para que a gente alcance uma sociedade que seja realmente democrática, equânime, igualitária e com justiça social. (Gomes, 2015: s/p)

Face ao exposto percebe-se que as políticas de ações afirmativas funcionam como estratégia que busca corrigir as desigualdades e enfrentamento do racismo. Surgem como possibilidade de levar as pessoas negras aos espaços de poder que ao longo da história brasileira tem permanecido nas mãos de minorias colonizadoras.

O Coletivo como aquilombamento: processo de execução

O Coletivo é uma forma de resistência, um aquilobamento de estudantes e egressos negros(as), isto é, a constituição de um corpo político em posição de enfrentamento e resistência em relação a práticas de opressão e dominação hegemônica, reivindicando o direito de ter direitos. Os aquilombamentos buscam, também reparação histórica, pois a história deixou lesões e marcas profundas que precisam ser reparadas. Dessa forma, todo o processo de execução das atividades do Coletivo é pensado na perspectiva de uma antropologia dos afetos, para que o processo seletivo não seja tão solitário e angustiante.

Nesse sentido, assim que o PPGA publica o edital de inscrições para o processo seletivo, os trabalhos se iniciam e tem como primeira atividade entender a estrutura do edital e seus prazos. Logo, o coletivo abre as inscrições para os voluntario/a e candidatos/as para fortalecer e construir redes de apoio no processo de resistência, principalmente na Universidade. Até a finalização deste texto, foram realizadas três edições do *Curso Preparatório Negritudes na Pós* nos anos de 2020, 2021 e 2022. Todas as reuniões e o Curso foram de formato online, devido à pandemia de Covid-19 e, também, uma forma de conseguir ampliar o número de candidatos.

A cada ano montamos uma estrutura de organização para conseguir dar andamento ao Curso. Dividimos da seguinte forma: comissão de artes, comissão de projetos, comissão de secretariado, comissão de *lives*, comissão de debate dos textos e a comissão de elaboração dos certificados. Os integrantes do coletivo se dividem nas comissões, podendo estar em mais de uma comissão. As nossas demandas são inúmeras, há diversos contratempos, que se intensificaram nos primeiros anos em razão dos sentimentos associados aos efeitos da Covid-19 no Brasil que foi e ainda têm sido desastrosos. A isso somam-se também as crises política, educacional, econômica, de saúde pública e saúde mental. Dessa forma, como pensar em resistência se precisamos sobreviver? A política do Estado é de morte, um governo negacionista da ciência, que comete crime contra a saúde pública e vulnerabiliza os grupos subalternos, de maneira mais intensa, a população negra. Os sujeitos que são mais impactados com a perda de trabalho, ausência de efetividade de políticas públicas em um contexto marcado por mortes biológicas e sociais.

Com isso, precisamos lidar com os vários sentimentos em meio aos processos burocráticos. O coletivo Nean Oju Obá na construção do curso, sendo, também, uma rede afetiva, de fortalecimento no sentido da construção do sujeito negro antropológico no mundo acadêmico e de visibilização, sobretudo, da antropologia negra apagada, atua de forma contra hegemônica e no combate de práticas racistas, principalmente, o institucional.

De acordo com Grada Kilomba (2019):

[...] o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os brancas/os têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram com a/o 'Outras/os' inferior, colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito branco. (Kilomba, 2019: 50)

Assim, precisamos ocupar cada vez mais os espaços desse sistema racista que desqualifica, apaga e condena como inválido o conhecimento que parte das nossas vozes, considerando especialista em nossa cultura e legitimando o que um branco diz sobre nós, mas classificando como subjetivo e opinião, o que temos para dizer. E, no sentido, de amenizar os processos burocráticos e as violências institucionais, construímos um espaço de recepção afetiva, porém considerando as normativas do edital.

O trabalho desenvolvido pelo coletivo no acolhimento e busca por ampliação de pessoas negras na pós-graduação tem como principal marco o curso Negritudes na Pós, como antecipamos. Como efeito, as ações desenvolvidas seguem os protocolos e procedimentos estabelecidos pelo edital: ensaio teórico, arguição do projeto de pesquisa, proficiência em língua estrangeira e apresentação do currículo. Como Coletivo, anualmente buscamos promover ações que permitam a pessoas negras condições menos desiguais de competir no processo seletivo. Sendo assim, coletivamente discutimos a bibliografia indicada e promovemos círculos de debate sobre os projetos de cada pessoa participante em cada ano. Com frequência, vemos também que pessoas que participaram dos cursos e são aprovadas passam a integrar o coletivo e colaboram com as edições seguintes.

Considerando os gargalos que historicamente tem caracterizado as falhas na formação de pessoas negras e de outros grupos subalternizados, é preciso estabelecer algumas considerações sobre as etapas do processo, em especial o exame de proficiência em língua estrangeira. Com a pandemia de Covid-19 e as normativas internas estabelecidas pelo programa e pela UFPB (cf. Portaria 02/2021 – Universidade Federal da Paraíba) para lidar com seus efeitos, o edital convencional que previa a realização de exames como uma etapa do processo foi adequado. Outro ponto, principalmente no que concerne ao edital, diferente dos outros anos, o edital estabelecia que os Certificados de proficiência poderiam ser entregues a partir da matrícula no curso até o ato de emissão do diploma. Para a maior parte dos participantes, isso significava uma etapa a menos quando comparado aos anos anteriores. Considerando as estruturas de desigualdade que marcam a história brasileira, é preciso questionar quais grupos e corpos têm acesso a educação de qualidade suficiente para acessar uma língua estrangeira e responder a um exame de proficiência de maneira adequada. Esse formato possibilita os candidatos cotistas a se inscreverem no processo seletivo? Não buscamos responder todas essas questões, mas mantê-las em destaque ao perceber o trajeto da população negra.

Explicando essas alterações, começam as etapas do processo seletivo que os candidatos/as cotistas precisariam realizar. O edital evidencia as seguintes etapas, a) ensaio Teórico (eliminatória), sem identificação do autor e relacionado com uma questão norteadora que o próprio edital acaba trazendo; b) entrevista, constando na arguição sobre a bibliografia indicada, que nesses últimos anos tivemos antropólogos negros na biografia indicada e sua operacionalização no ensaio teórico e defesa do projeto de pesquisa (eliminatória); c) análise e pontuação do currículo lattes (classificatória).

Tendo essas etapas e sabendo do referência teórico começamos a pensar na estrutura do cursinho, no primeiro momento era importante refletir que no edital quem ia se candidatar nas cotas, tinha que apresentar uma autodeclaração de sua condição ou pertença étnico- racial (cf. Resolução CONSEPE/UFPB n. 58/2016) e uma das vitórias do coletivo era que saísse no próprio edital, que os candidato/as autodeclarados negros, indígenas, com deficiência ou pertencentes a povos e comunidades tradicionais, além de concorrer para as vagas específicas de cotas, também estarão simultânea e automaticamente inscritos para concorrer as vagas disponibilizadas para ampla concorrência. Porém, um dos aspectos problemáticos é a ausência de bancas de heteroidentificação no período de inscrição.

Logo, o Curso se divide da seguinte forma: o primeiro momento é as boas-vindas, e nele solicitamos que as pessoas participantes possam abrir suas câmeras e explicamos como serão conduzidas as atividades do curso. Esse é também um momento de acolhimento e um espaço informativo, com atrações culturais, poemas, músicas e conversas recheadas de afeto. Explicamos um pouco sobre os editais e informamos a necessidade de ficar sempre observando as redes sociais e o e-mail.

No segundo momento com as equipes formadas começamos os debates “intensivo” dos textos que compõem a bibliografia básica do ensaio teórico. Durante uma semana inteira as pessoas são convidadas a refletir sobre a bibliografia antropológicas e nesse momento temos a colaboração de voluntários e voluntárias de diversas universidades (UFPB, UnB, USP, UFBA, UFS) que constroem uma roda de conversa. As equipes que atuam nas rodas e discutem a bibliografia são agrupadas também conforme o nível de formação, ou seja, em turmas de mestrado e turmas de doutorado, considerando o nível de complexidade, experiência e a própria bibliografia que integra o processo seletivo.

No terceiro momento, direcionamos o encontro para as oficinas. As oficinas buscam qualificar as pessoas para que possam construir seus currículos Lattes, e também buscam estabelecer estratégias de estudo e de escrita que permitam um melhor desempenho na construção de ensaio teórico. Além disso, há oficinas destinadas à discussão dos projetos de pesquisas e de redação e normalização de trabalhos conforme as normas ABNT. Nessas situações candidatos e candidatas aos cursos de mestrado e doutorado se juntam para refletir coletivamente sobre o edital e “desburocratizar” essa etapa.

Posteriormente a isso, inicia os “plantões do projeto”. Com apoio dos colaboradores voluntários, as pessoas participantes passam a ter reuniões individuais de apoio e discussão sobre as propostas de pesquisa presentes nos projetos. A organização dos trabalhos e das duplas é feita conforme disponibilidade dos voluntários e também afinidade temática. Nesse momento, inicia uma conversa sobre o projeto e também ensaios para apresentar o projeto

para comissão da banca. Essa estratégia parte do suposto que a entrevista e o projeto terão uma nota única resultante da média aritmética entre a nota obtida pela avaliação do projeto de pesquisa e sua defesa, por um lado, e aquela obtida durante a arguição sobre a bibliografia básica indicada.

Além dessas ações do curso, o coletivo Nean Oju Obá realizou *lives* no *Novembro Negro* sobre temas importantes para pensar o fortalecimento dos integrantes do coletivo. A exemplo de mesa sobre as Ações afirmativas e a Lei n. 12.711/12: acesso, permanência e continuidades; Desafios e perspectivas sobre a saúde da população negra; Educação superior e transformação social: produção de pesquisa e extensão universitária de antropólogos/as negras/as e mesa sobre cidade e negritude. Essas mesas tiveram a parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas (GUETU) e do Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC).

O Curso Preparatório Negritudes na Pós (PPGA/UFPB), vem ganhando visibilidade em alguns espaços na construção de ementas antirracistas e ações para a população negra se inserir nas cotas raciais e assim ter acesso à Programas de Pós-graduação. Estamos na construção dessas demandas, necessidades e movimentos, sempre.

Onde o Nean Oju Obá chegou: espaço de visibilidade

O Núcleo de Estudos e Pesquisa em Antropologia chegou com tudo, com a certeza de mover as estruturas. Não chegou sozinho. Trouxe consigo a ancestralidade, trouxe a necessidade do axé, e está equilibrado entre nós integrantes. Trouxe no seu nome, de comum acordo de forma coletiva e ainda com a presença efetiva da professora Patrícia Pinheiro o nome “Ojú Obá”.

Não sendo clichê, mas muitos foram os momentos ou a maioria mostrou-se ser, “nós por nós mesmos”, parte de nós! Nossos sentimentos, nossas angústias, nosso querer. Como já dito, nosso “Eu” envolve a nós mesmos, nossas famílias e ancestrais, e a chegada de cada uma/um na instituição. Estamos apenas no terceiro ano, terceiro do Curso Negritudes na Pós. Nesse processo vivenciamos os efeitos e as desigualdades da pandemia de Covid-19, o crescimento no número de vacinados, e também as transformações que esses eventos produziram no ambiente e na dinâmica acadêmica e universitária.

Com isso, continuamos a avançar. Ainda em 2021, o Coletivo integrou de forma remota as “Jornadas Azeviche” na modalidade relatos de experiência, e pudemos apresentar o trabalho intitulado “NEAN OJU OBÁ: resistência e afeto dentro e fora dos muros da universidade”. O evento era vinculado ao NEAFRRAR - Núcleo de Estudos Étnicos e Afro-Brasileiros Abdias do Nascimento e Ruth de Souza da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

As pessoas que integram o coletivo estão em contínuo movimento, e lutam também por sobrevivência, dão continuidade nas ações, fechando ciclos e abrindo outros. O Núcleo dá seguimento tá vivo e pulsante. Assim seguimos na certeza que muitas/es/os outros virão, somar-se-ão e assim escurecer a antropologia! Assim como em outras áreas e segmentos, sobretudo no meio acadêmico.

Algumas obras já citaram o Nean Oju Obá, como Patrícia Pinheiro em “Etnografia e ação social nas políticas de produção de saberes” (Pinheiro, 2021), o artigo de Vinícius Venâncio e Juliana Cintia Lima (2021), assim como o a monografia de conclusão de curso de bacharelado em Antropologia de Ana Margarida Andrade dos Santos, intitulado as “Mulheres na Literatura e nas Práticas da Capoeira: aproximações antropológicas a partir da Paraíba (BR)” (Santos, 2021).

Seguimos no enfrentamento construindo e resistindo: próximos passos

Seguimos adiante em constante oposição e reinvenção a qualquer sistema/manifestação opressiva, levando as questões de raça e gênero a esfera pública, pois é esse debate de parâmetros inegociáveis que permitirá amparar as bases para perspectivas mais abrangentes de democracia, igualdade e justiça social (Carneiro, 2003).

Entendemos o Nean Oju Obá como um espaço seguro (Collins, 2019), que promove ferramentas para o empoderamento de pessoas negras, desafiando as imagens de controle que negam ou apagam o conhecimento negro, substituindo por perspectivas positivas de intelectuais negros e negras que se somam pelas universidades brasileiras no enfrentamento às opressões interseccionais. Transformando silêncios, incômodos, dores, ideias e experiências em linguagem para mudanças sociais.

Sem a intenção de minimizar as dores e violências que emergem de posições periféricas, bell hooks (2017) se refere às margens como uma posição complexa, que espelha repressão, mas também enfrentamento, onde nos posicionamos não como objetos, mas como sujeitos ativos da mudança. Queremos ir mais longe, ampliar a outras modalidades das cotas e empenhar o coletivo como um espaço de representatividade.

De todo modo, nos sentimos como numa roda – numa circularidade de movimentos entre motivações, começos, términos e recomeços. Este artigo trata-se de refletir o Nean Oju Obá e suas redes, suas formas de resistência e o fortalecimento da política pública de cotas.

No processo de circularização da vida, estamos construindo “teias de relações”, significados e resistências. Vivemos nesse processo, e nosso coletivo temos como integrantes que está nesse processo de construção, Ana Margarida Andrade Santos, Christina Gladys de Mingareli Nogueira, Uliana Gomes da Silva, João Vítor Velame, Rosiane Trabuco de Oliveira, Milene Moraes Ferreira, Mariana Prado Santiago, Matheus da Rocha Viana, Marianne Muniz Atanazio e Weverson Bezerra Silva. Agradecemos outros integrantes que construíram o Nean Oju Obá conosco, que fizeram história e memória, a saber: Patrícia dos Santos Pinheiro, Edilma do Nascimento Souza, Durvalina Rodrigues Lima de Paula e Silva, Mariana Costa, César Augusto Viana de Lima, Luís Felipe Cardoso Mont'mor e Djulienne Manoelly Benigno do Nascimento.

Em suma, é necessário destacar a urgência da comunidade acadêmica, em especial gestoras/es, coordenadoras/es de cursos nas Ciências Humanas se apropriem em grau, número e gênero dos termos (branquitude (a)crítica, privilégio e etc..) que chamam as

peças não negras/brancas, a reflexão e mudança de atitudes em prol de ações afirmativas, sobretudo para a área da Antropologia.

Referências Bibliográficas

- BORDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GOMES, Nilma Lino; SILVA, Paulo Vinicius Baptista; BRITO, José Eustáqui. 2021. Apresentação: Ações Afirmativas de Promoção da Igualdade Racial na Educação: Lutas, Conquistas e desafios. *Educação e Sociedade*, vol. 42: e258226. DOI 10.1590/ES.258226
- CARNEIRO, Sueli. 2003. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, vol. 17, n. 49: 117-132. DOI 10.1590/S0103-40142003000300008
- CARNEIRO, Sueli. 2022. “Cotas são remédio mais exitoso no combate às desigualdades- Entrevista com Sueli Carneiro”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 ago. 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/08/cotas-sao-remedio-mais-exitoso-no-combate-as-desigualdades-diz-sueli-carneiro.shtml> acesso: 7 dez. 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. 2019. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo, Boitempo.
- GOMES, Nilma Lino. 2017. *O movimento negro educador*: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes.
- GOMES, Nilma Lino. “Cotas têm o potencial de mudar o perfil da sociedade brasileira – Entrevista com Nilma Lino Gomes”. *Portal Brasil*, São Paulo, 13 jan. 2015. Disponível em <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/racismo/cotas-tem-o-potencial-de-mudar-o-perfil-da-sociedade-brasileira-afirma-nilma-lino-gomes/> Acesso: 7 dez 2022.
- hooks, bell. 2017. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- KILOMBA, Grada. 2019. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- PINHEIRO, Patricia. 2021. Etnografia e ação social nas políticas de produção de saberes. *Novos Debates – Fórum de Antropologia*, vol. 7, n. 1: 1-13.
- SANTOS, Ana Margarida. 2021. *Mulheres na Literatura e nas Práticas da Capoeira: aproximações antropológicas a partir da Paraíba (BR)*. Rio Tinto, Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Paraíba.
- VENANCIO, Vinicius; LIMA E SILVA, Juliana Cintia. 2021. “Nada será como antes, amanhã”: Antropólogues negras/os movendo a Antropologia Brasileira. *Novos Debates – Fórum de Antropologia*, vol. 7, n. 2: 1-14.

sobre as autoras e autores Rosiane Trabuço

Mestra em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba e bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

João Vitor Velame

Artista visual independente. Mestrando em Antropologia e bacharel em Antropologia (habilitação Antropologia Visual), ambos pela Universidade Federal da Paraíba.

Weverson Bezerra

Doutorando e Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba, onde também obteve os títulos de licenciado e Bacharel em Ciências Sociais. É membro do grupo de pesquisa Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC) e da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC).

Uliana Gomes da Silva

Doutoranda e Mestre em Antropologia com graduação em Ciências Sociais, todos pela Universidade Federal da Paraíba.

Ana Margarida Andrade Santos

Bacharela em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba.

Marina Santiago

Mestranda em Antropologia, na linha de Território, Identidade e Meio Ambiente (PPGA/UFPB). Especialista em Turismo e Desenvolvimento Local pela Universidade Federal da Paraíba (2014). Possui MBA em Gestão Empreendedora e Inovação pela Universidade Federal de Campina Grande (2017).

Autoria: as pessoas que integram o coletivo foram todas responsáveis pela redação do ensaio. Colaboraram na sistematização das informações, construção do argumento e revisão do texto. João Vitor Velame foi responsável pelas ilustrações.

Financiamento: A produção deste artigo não contou com apoio de nenhuma agência de fomento.

Recebido em 30/09/2022.

Aprovado para publicação em 14/12/2022.